

TERRA

Semanário Anarquista

LIVRE

N.º 20-1.º ANO

Diretor: PINTO QUARTIM

Publica-se ás 5.ªs feiras

Editor: JAIME DE CASTRO

Propriedade do grupo editor da
TERRA LIVRERedação e administração
Rua das Gaveas, 55, 1.ºComp. e imp. nas OFICINAS GRÁFICAS
R. do Poço dos Negros, 8r

PREÇO 20 RS.

Faça-se justiça

Contra a razão e a justiça, a situação mantém-se a mesma, prolongando-se a arbitraria detenção de homens que nada teem, nada podem ter com o deploravel acontecimento do dia 10.

E não só se pretende envolver á força no triste caso os militantes de um movimento operario. e os propagandistas de uma ideia, mas ainda se procura sufocar a voz que eles se esforçam por erguer em defeza própria.

Assim, na semana passada, mais uma vez a policia não permitiu a circulação do *Sindicalista*, indo á tipografia desfazer-lhe as formas. A grande imprensa, na sua quasi totalidade, não arrisca em favor dos perseguidos da outra classe uma palavra de bom-senso e de equidade; e quando esses perseguidos lançam a publico uma pequena folha, paga com o pão que se tira da boca, o governo republicano rasga-lha! A República, que devia ser—assim o garantiam nos bons tempos das promessas—o réjime de todas as liberdades politicas, não nos dá sequer o sagrado direito de defeza, ao menos dentro dos estreitos limites das nossas minguadas possibilidades económicas!

Que dizia o *Sindicalista*? Repelia, como não podia deixar de ser, como já o tinham feito nós, como já o tinham feito as comissões sindicais, repelia com veemência e indignação toda e qualquer solidariedade com o ato absurdo e demetado do ainda misterioso anónimo da Rua Nova do Carmo.

Ou desejaria o governo que os sindicalistas defendessem e justiassem o indefensável atentado?

Não é evidentemente por medo que homens, habituados a enfrentar diáriamente as iras do patronato e seus guardas armados, repudiam agora com horror um ato tam contrário a todas as táticas e a todos os ideais de emancipação social. E' preciso ter alma de jesuita (os jesuitas foram espulsos, mas ficaram outros que lhes temiam a concorrência), é preciso ter alma de jesuita para

qualificar aquele monstruoso atentado (se atentado foi; e não desastre ou imprevidencia de inconsciente) de "sindicalista" ou de "anarquista", para o considerar como manifestação da "ação diréta", para o atribuir ao sindicalismo e á propaganda dos sindicalistas.

O sindicalismo agrupa ossalariados em torno dos seus interesses económicos e profissionais para a luta diréta (isto é, sem intermediarios) contra o Capitalismo, com os meios que resultam da sua força de trabalho e da sua união. Como poderia resultar dos ensinamentos sindicalistas um atentado contra o proprio povo, contra trabalhadores, contra inocentes?!

O proprio ato individual de revolta, ainda quando justificavel, é alheio á organização e áção sindicais e á propaganda dos seus militantes.

E no caso presente, pertencerá porventura aos sindicalistas ou a nós uma responsabilidade qualquer, já não dizemos na produção do atentado estúpido e antiproletario ou de desordens e arruaças sem escopo, mas mesmo no fácil e inconsciente manejo dos explosivos? Pelo contrario: por varias vezes sindicalistas e anarquistas lamentaram esse mal, ao qual veio juntar-se, para o agravar, a dolorosa crise económica que atravessamos—desocupação, carestia da vida, etc.—bem como as provocações violencias e perseguições da autoridade.

Não, não cabe aos sindicalistas a responsabilidade dos tumultos desorienta los e dos atos de loucura ou de inconsciencia, partidos de baixo ou de cima.

E não cabe tampouco a nós, embora sobre o nosso diretor pretenda ezercer-se uma vindicta absolutamente infundada e absurda. A autoridade, que mandou buscar á nossa redação uma coléção da folha (já lá a tinha), poderá convencer-se disso, se quizer pôr a lialdade do homem acima da mentalidade profissional do esbirro.

Não queremos pagar por atos em que não temos cumplicidade alguma; e para sufocar

inteiramente o protesto dos perseguidos pela injustiça, hoje em dia não ha estorvos que valham. Não ha sequer fronteiras.

Factos e comentarios

«O Sindicalista» apreendido

Saíu no sabado passado o nosso prezado e valente colega *O Sindicalista*, sendo a sua circulação impedida sem que tal violencia nos tenha causado espanto visto que tão costumados estamos a elas que só o respeito pelas mesquinhas liberdades que as leis consignam, nos poderá ainda causar surpresa neste paiz.

Admitindo mesmo que a lei de imprensa de 28 de outubro de 1910 não proibisse, explicitamente, embaraçar por qualquer forma, a livre circulação de qualquer publicação, nada, absolutamente nada justifica a apreensão do ultimo numero daquele semanario. Ele preenchia todos os requisitos ezijidos pela lei de imprensa e, quanto a materia nele contida, diremos que apenas se limitou a verberar o atentado da rua do Carmo e a repeli lo com toda a intensa e sincera indignação que o facto em todos nós despertou. Seria por isso que o governo mandou apreender o jornal? Terá ele, por ventura, conveniencia em abafar o protesto dos sindicalistas e anarquistas neste momento em que se pretende atribuir-lhes responsabilidades directas ou indirectas nesse ato para moralmente os comprometer?

Ou estará suspensa a publicação d'*O Sindicalista*? Nas nesse caso não d veria ser notificada essa ordem por escrito pelas autoridades competentes, ao seu proprio editor?

E porque motivo se proíbe a publicação d'*O Sindicalista*. Será por ser sindicalista? Talvez, pois não foi detido em Santarem um individuo por ser sindicalista, sendo posto em liberdade por se provar que a acusação era falsa pois que o individuo estava filiado no partido evolucionista? Mas então que é da liberdade de pensamento tão ditirambilisada pelos republicanos?

Ou estarão, por ventura, suspensas as garantias para que o respeito pela lei e o livre arbitrio do poder sejam tolerados?

Não tiveram a coragem de o declarar mas de facto essa suspensão de garantias eziste.

O ultimo numero de *O Sindicalista* é, a nosso ver, um dos melhores dos 129 já publicados. Os artigos *Nós e o atentado*, *Quem lançou a bomba?* e *Ao povo trabalhador em geral e em especial aos trabalhadores rurales* resposta a um manifesto reacionario pelo operario Fernando Simões, não devem deixar de ser lidos. E quem os quizer ler, procure bem o jornal que é muito possivel que o descubram...

Como o seu redator-principal, o seu editor e o seu administrador estivessem presos na Cadeia Civil Central de Lisboa, entenderam aqueles camaradas que deviam indicar na cabeça do jornal a Cadeia do Limoeiro como redação e administração do jornal.

Est gracioso protesto surtiu o efeito desejado. O governo foi aos arames e nem sequer teve a arte de finjir que não foi á serra!

O assunto

Nunca é demasiado falar do caso da bomba, que tão justamente alarmou o povo de Lisboa e das provincias, não só para o condenarmos em nome dos nossos sentimentos de justiça, como dos nossos principios anarquistas, sempre contrarios a todas as violencias quer elas partam do poder do estado em nome do principio da autoridade ou quer sejam atos indivi uais, jamais quando se não justifiquem pela sequencia dos acontecimentos. Seja qual fôr o mobil desse atentado ele encontra em todos nós a mais absoluta repulsa e condenação. O direito á vida, e a livre espanção do individuo é o principio fundamental das doutrinas anarquistas e basta isto para que os homens de boa fé e de criterio são, arredem quaesquer suspeitas dos agrupamentos libertarios, a não ser que entre eles algum por cá ande a soldo com intuitos de os comprometer. Já estamos habituados a ver atribuir, de animo leve ou maldosamente propositado, aos anarquistas a paternidade de todos os atentados, que ha cincoenta anos se repetem por toda parte; quer eles rejistem o assassinio dum rei em proveito dum partido ou o lançamento duma bomba por conveniencias politicas dum governo, para justificação de subsequentes perseguições: São sempre os anarquistas, que é preciso conservar em foco, como inimigos da sociedade, os responsaveis por tudo quanto de revoltante se pratica ou manda praticar. Os jornais ainda não o disseram, mas já esperamos que o digam, que o assassinato do gran visir Chetket, foi obra internal dos anarquistas á ordem de João Franco... E porque não:

Como tudo isto é revoltante e nauseabundo!

Se os anarquistas se tivessem organizado em bandos por essas ruas para, a cacete e a cavallo marinho, imporem ás multidoes o respeito aos principios, obrigando todos a descobrirem-se ao som das notas vibrantes da internacional, então sim, tinham jus ao respeito e á consideração do mundo oficial.

Nós queremos a revolução mental pela formação da consciencia, sem nos importarmos

com as modalidades estaduais: e se a nossa ação, meramente individual, cooperou para o advento da república é porque a nossa injenuidade, não estava ainda desfeita e acreditávamos de que ao menos, no campo das liberdades, alguma coisa ganharíamos.

Enganamos? pouco importa; nem por isso nos arrependemos dessa cooperação, porque das lições dos factos alguma coisa fica apesar da esterilidade absorvente do meio intelectual. Nós condenamos esse atentado brutal, por inútil e selvagem, mas não podemos deixar de o filiar na desorientação que vem de cima a baixo, preparando inconveniente a desunião das classes, semeando odios e estimulando vinganças.

A república veio por si mesma, e apesar disso os heróis surgiram aos montões a exigir a paga do seu trabalho, como qualquer moço de fretes a paga dum recado.

Para eles abriram-se os cofres do tesouro, houve dinheiro, e o povo, que não corre atrás dos ídolos, viu com assombro alargar-se o já largo quadro do pessoal burocrático com aumento de soldo aos oficiais e de ordenados aos directores gerais; só o não ha para acudir ás crises de trabalho que lançam na miséria milhares de desgraçados.

Para que o estado se ezima do encargo de manter uma grande parte do proletariado é necessario primeiro que tudo crear-lhe novas aptidões pela organização de escolas profissionais; crear e desenvolver as indústrias e agricultura: inspirar pela sua orientação administrativa a confiança ao capital particular para o ingressar no caminho especulativo agrícola e industrial de modo que todos os braços, hoje em folga forçada, encontrem fóra do estado o trabalho remunerador que lhes falta; mas em quanto isto se não fizer é ao estado que cumpre velar pelo bem estar das classes trabalhadoras, que não podem assim, tão abertamente, ser impelidas para a fome, por que é inegavel que as perturbações do estomago repercutem-se nas funções nervosas: e d'aí dista apenas um passo aos atentados anti-sociais. Por essas ruas uma multidão de creanças esfomeadas e maltrapilhas; mulheres e homens, velhos precoces mostram nas faces mirradas, a fome que os devora.

E' preciso ser cego ou cinico para não ver essa enorme miséria, que enche as ruas a toda a hora.

Mas, não falemos em coisas tristes, não vamos nós, sem querer perturbar as dijestões dos nossos senhores, tornando-os mal umorados e rabujentos. Eles, na velocidade dos seus automoveis não tem tempo

para presenciar essas miserias, que tanto afligem o nosso espirito inimigo da sociedade...

Que loucos que nós somos a pensar nas miserias dos nossos semelhantes que, na sua grande inconsciencia, se sentem muitas vezes felizes na sua condição de escravos.

Dizia o nosso amigo dr. Bernardino Machado, que a república era para todos os portugueses: como ele se enganava ou queria enganar! A república foi para uns poucos a sorte grande.

Vamos coligir em breve o album dos felizes que, sem nada terem arriscado, nem ao menos o compromisso de serem republicanos, aproveitaram tudo quanto era possível aproveitar.

O operariado que na sua grande maioria, pertencia aos centros, colheu a dura lição dos factos; e para maior ignominia, pegam nas duas palavras — ação directa — e fazem delas arma traiçoeira para o inutilizar no conceito publico e lançam sobre ele essa massa anomina e ignara como mastim raivoso, para o desfacer em nome da liberdade esmagada e do patriotismo que não compreendem.

Isto não pode ser. Quando uma classe tem a força da razão, não pode morrer perante a ameaça de qualquer tiranete por mais alto que ele esteja.

João Franco não destruiu os republicanos, pela mesma razão não será destruido o sindicalismo e o anarquismo.

A perseguição como sistema é o mais ezecravel despotismo, e o conjunto sindicalistas e anarquistas não pode responder por atos isolados e individuais.

Ismaelita

Guanabarrinas

Rio de Janeiro, 15 de maio

Dizia-me, ha dias, um camarada, antigo militante na propaganda:

— O movimento revolucionario renasce, no Rio, com um vigor todo novo...

Com efeito. Trabalha-se ativamente. Dum lado, na organização operaria; do outro lado, na propaganda doutrinaria pelo folheto, pelas conferencias, pela formação de bibliotecas, etc. E' um trabalho sério e criterioso, feito com entusiasmo, com optimismo, com ardor. Os elementos novos vão aparecendo... o que quer dizer que a propaganda não tem sido esteril. E, o que é mais, alguns elementos inesperados, nomes feitos no meio intelectual burguez que se bandeiam para o anarquismo. Assim é que tem causado escandalo na burguezia a "conversão" dum conhecido jornalista politico, republicano ardoroso, pozitivist, o

qual, na praça publica e em artigos assinados no jornal em que escreve, renegou solenemente todo o seu passado politico, desiludido de todas as fórmulas de governo, e pregando desassombradamente as doutrinas anarquistas como as unicas capazes de resolver o problema do bem-estar humano.

*

No meio operario, todas as atenções estão voltadas, agora, para a realização do 2.º Congresso Sindicalista, que se reunirá na segunda semana de setembro aqui no Rio de Janeiro.

Esse congresso está destinado, principalmente, á obra de intensificação da propaganda sindicalista em todo o país. Os camaradas da C. O. B. depoiztam grandes esperanças nos seus resultados praticos. E são esperanças fundadas. A reorganização da C. O. B. tem despertado o maior entusiasmo no seio das organizações operarias já ezistentes, influindo poderosamente para a arrejimentação das classes desorganizadas.

*

Como prova pratica da ação revolucionaria que atualmente se desenvolve no Rio, merece registro a agitação feita em torno do "caso Anta". Foi, sem duvida, o acontecimento macimo da quinzena. Eu vo-lo relato...

A policia de Santos prendeu, nos primeiros dias de janeiro ultimo, o estivador Adolfo Anta, remetendo-o para esta capital, em cuja Casa de Detenção foi internado, com a nota — *para ser espulso do territorio nacional*. Parece, entretanto, que o esqueceram lá dentro... Passou-se um mês. Passaram-se dois meses. Três meses. Quatro... Era, positivamente, um desaforo. Nem o espulsavam, nem o soltavam. E tudo isso sem culpa formada, sem processo nenhum. A mais violenta das arbitrariedades...

Dáí, a agitação. Requereu-se uma ordem de *habeas-corpus* em favor de Anta. E, ao lado disso, preparou-se a ação extra-legal. A imprensa diaria referiu-se ao "caso", condenando-o. Publicou-se um vigoroso manifesto ao povo. Organizou-se um comicio publico de protesto.

Foi no dia 10, no largo da Carioca, ás 5 da tarde. O povo affluu... E falou o primeiro orador, em nome do Centro de Estudos Sociais. Falou veementemente. Atacou, de riço, as autoridades... Tomou a palavra, em segundo lugar, o operario Zenon Budaszewski. A sua oração foi um ataque aspero, dirigido á policia directamente. E ao qualificar o chefe desta, o serafico "frei" Belizario, de "patife-mór"... o camarada Zenon foi interrompido. A poli-

cia interveiu, brutalmente. Estabeleceu-se o conflito. Houve bordoadas grossas, de parte a parte. Duas prizões, por fim, entre elas a de Zenon...

Soubese, durante o comicio, que Anta tinha sido posto em liberdade. E de facto. A policia temia a agitação. Soltara-o, diante da atitude enérgica do povo...

Mas os animos estavam irritados. A' noite foi decidido realizar-se, no dia seguinte e no mesmo local, um segundo *meeting*, este agora de protesto contra as duas prizões efetuadas no primeiro... Foi um successo absoluto. A policia soltou-os á meia-noite do proprio dia 10. Apesar disso, o comicio realizou-se... A praça encheu-se. Falaram cinco oradores, sendo um deles o mesmo Zenon. E todos cinco fizeram afirmações abertamente anarquistas. A policia, embora, numerozissima, conservou-se muito quietinha. E' que o povo, de vez em quando, interrompia os oradores aos — vivas á anarquia!...

Foi um successo absoluto. No dia seguinte, um grande jornal diario, noticiava o comicio largamente, debaixo deste subtítulo em letras garrafais: *O anarquismo já é prégado na praça publica.*

Astrojildo Pereira.

Perguntas inocentes

O *Revolucionario* semanario republicano radical de Lisboa faz, entre outras, as seguintes perguntas inocentes:

— "Quem seria o sindicalista que lançou a bomba na rua do Carmo?"

— Seria o mesmo que, ha tempos, levou umas fórmulas de gesso para fabrico de moeda falsa, encontradas depois pela policia numa busca, feita para os lados d'Algés, ao domicilio dum dos presumidos implicados no movimento de 27 d'Abri, hoje não estrangeiro?"

— Será verdade que esse caso da apreensão dessas fórmulas deu logar a um grave escandalo no Governo Civil, no gabinete do dr. Alfeu da Cruz, estragando-se um fato e entornando-se um tinteiro?"

— Será verdade que um dos individuos que após a explosão do petardo lançado por mão oculta, primeiro incitou o povo a destruir o kiosque do Rocio, conhecido pela Boia, foi o sr. Portuguez, comerciante estabelecido á esquina da rua dos Fanqueiros, onde fazem permanencia alguns chefes da reservada?"

Como estamos muito afastados dos bastidores da politica, não compreendemos o alcance destas perguntas. Elas, porém, levam agua no bico. Haverá quem queira, possa ou saiba responder a elas?

AO POVO

O que querem os sindicalistas

Com este titulo a Comissão Ezeativa do Congresso Sindicalista e a União dos Sindicatos de Lisboa, acabam de distribuir o seguinte manifesto, que reproduzimos:

Toda a gente que sofre e sente concorda que a sociedade tal como está constituída é defeituozissima, prenhe de inumeras e revoltantes injustiças. Todos os que trabalham se sentem mal e procuram melhorar a situação precaria em que vivem. Esta luta entre os detentores do Poder e os dominados, entre os possuidores da Terra e os escravos surtiu naturalmente desde que a humanidade se dividiu em duas classes, procurando uma destas viver do que produzia a outra.

Diversas teem sido as formulas propagadas e ensaiadas para dar á humanidade o bem-estar almejado, sem que o tenham conseguido. O cristianismo, o constitucionalismo, o democratismo faliram como hão de falir todas as doutrinas que se não proponham derrubar o Estado e o Patronato.

Com a existencia destas duas instituições a liberdade e a igualdade são méras ficções.

Com as diversas formas de governo impostas aos povos estes jámais conseguiram modificar sensivelmente a sua situação. E' insignificante o que se tem obtido em regalias politicas e absolutamente nulo o que se refere a beneficios economicos. Entre o proletario moderno e o escravo da idade antiga não ha diferença essencial. E' que, por mais que teimem, não póde existir liberdade politica sem liberdade economica. O esfomeado está sempre na dependencia de quem lhe lançar o primeiro bocado de pão.

O sindicalismo pretende modificar radicalmente a actual organização social. Por isso vai desde já erguendo instituições com a sua função específica que se destinam a substituir as que hoje regulam a vida dos povos.

Nos sindicatos profissionais estão os futuros elementos coordenadores da produção. Estes superintendem em tantas fabricas e oficinas quantas houver na localidade que se dedicarem á mesma industria. As Uniões de sindicatos são como o nome indica a junção dos diversos sindicatos duma localidade. Para elas converjirá toda a produção coordenada pelos sindicatos da localidade. São os futuros armazens de abastecimento local onde se encontrará tudo o que se pode produzir. Da mesma forma permutarão as produções super-

fluas por outras de que haja necessidade na localidade. A instrução, a higiene, a viação, a assistência, as comunicações, enfim tudo quanto incumbe aos municipios zelar, ficam ao cuidado das uniões locais.

A Confederação Geral do Trabalho, élo indispensavel onde se prendem as uniões locais dum país ou duma região é em relação ao país ou á região o mesmo que a União de sindicatos é para a localidade.

A Organização Sindical e a educação—social e profissional—tais são os escopos de que nos servimos para esboçar o ezistente.

Convencer todos os proletarios de que só pelo seu esforço isto é pela ação direta podem triunfar, leva-los a reivindicar o que necessitam, consoante a possibilidade, atendendo os meios e condições das industrias, tal é a missão dos militantes, daqueles que melhor compreendem o sindicalismo. Este só atinge o seu fim quando haja realizado uma serie sucessiva de reformas sociais que são como que a escola preparatoria, o meio de adaptação para os proletarios se lançarem num mundo novo, onde cada um tenha garantido o direito á vida e a felicidade. Do banquete do Universo ninguem deve ser escludido como ninguem se deve recuzar com a sua quota parte de trabalho para o engrandecimento do patrimonio comum.

Sómente é preciso afirmar que tudo isto não é de tão facil realização como a transformação duma monarchia em republica, o que é no fundo a mesma coisa, embora aparentemente divirjam.

E' preciso muita fé no Ideal, muita tenacidade na propaganda e muito sacrificio pessoal para que as doutrinas triunfem em absoluto.

Todavia quanto se não póde fazer desde já que sirva de incentivo aos caminheiros vacilantes ainda no começo da jornada?

Moralmente muito e materialmente alguma coisa se houver tino e boa vontade.

Deve a nossa ação ser guiada de forma a interessar nela o publico, aceitando a colaboração desinteressada de todos os individuos a quem o mesmo mal estar afeta:

Vejamos, no atual momento, do que mais precisamos, todos nós os que temos a infelicidade de viver neste país:

Reivindicações de realização imediata.

1.º Anistia ampla e completa para todos os presos por questões politicas e sociaes e reabertura das associações illegalmente encerradas.

2.º Modificação das leis de esceção chamadas de defeza da Republica, garantia insofismavel dos direitos de liberdade de pensamento e de imprensa.

3.º Revogação do regula-

mento dos funcionarios publicos e lei travão.

Sem a ezeução do que áfica espasto, indispensavel para o apaziguamento das paixões, jámais haverá neste país progresso seguro, prosperidade estavel.

Reivindicações de realização mediata.

1.º Modificação da lei de 9 de maio de 1891 que regula o ezercicio da liberdade de associação.

2.º Modificação da lei de 26 de julho de 1893, que regula o ezercicio da liberdade de reunião.

3.º Barateamento da habitação.

4.º Barateamento dos generos de 1.º necessidade.

5.º Estinção do analfabetismo pela abertura de todas as escolas do país, atualmente encerradas e difusão das escolas moveis.

E quanto mais não há a fazer sob o ponto de vista da economia e fomento nacional?

Temos uma riqueza mineira inesplorada, as quedas d'agua perdendo-se no Oceano inutilmente, uma industria corticeira agonizante porque a cortiça que se produz no país é em grande parte manipulada nos outros países que a não produzem, vastos tratos de terreno inulto porque não há irrigação, não há caminhos de ferro, não há viação ordinaria sequer.

Limite-se o ordenado aos altos funcionarios publicos e, dada a nossa pobreza financeira e inutilidade de tal representação, restrinja-se ao imprescindivel o corpo diplomatico; simplifique-se, já que a situação internacional e o modo de ser das sociedades não permitem a sua supressão, o ezercito e a armada a que deve ser de defeza interna e vigilancia colonial e não se pense em fazer flutuar nos Oceanos poderosas esquadras de combate e mobilizar divizes de milhares de soldados, posto que toda a gente de senso sabe que Portugal não poderá jámais ser uma potencia militar ou naval capaz de se defrontar com a Hespanha sequer.

Em vez de escolas que fazem bachareis abram outras que forneçam bons profissionaes e tecnicos conscienciosos.

E' isto na verdade o que a todos os portuguezes, na generalidade, interessa. E era isto que sindicalistas, anarquistas, socialistas, republicanos radicaes, emfim, todos os homens de senso e de carater apoiariam se qualquer governo o fizesse. Não poderão fazer tal quaisquer governos partidarios, pois que estes cuidam primeiramente no partido que no país.

Teem os sindicalistas sido acuzados de não saberem o que querem. Áficam mais uma vez esclarecidos os nossos in-

tuitos já tantas vezes afirmados—como o poderíamos demons, trar aqui.

Aqueles que tiverem as mesmas intenções podem contar com o nosso sincero esforço e concurso. E muito se podia fazer, fóra da tutela dos partidos politicos abstraindo, para a ezeução do que fica espasto, todas as escolas filozoficas.

Cada escola póde fazer livremente a propaganda do seu crédo sem estorvo desta ação comum. Nós, os sindicalistas, não nos dispensamos de proclamár que a modificação profunda da Sociedade só se póde tornar um facto pela revolução social, revolução que se vae todos os dias efetuando nos espiritos e que terá o seu epilogo pela greve jeral revolucionaria pela espropriação coletiva de toda a riqueza social.

A Comissão Ezeativa do Congresso Sindicalista.

NOTA.— Sobre os diversos pontos que aqui deixamos mencionados como programa de realização mediata temos alitres nossos que esplanaremos em sucessivos artigos dos semanarios que não são afetos.

Espediente

AOS AJENTES

Nos nossos agentes pedimos o favor de liquidarem imediatamente as suas contas relativas ao mes de maio, devendo enviar-nos as sobras que deverão trazer o endereço e o nome de quem as remete e a localidade de onde são enviadas.

AOS ASSINANTES

Quem simpatizar com «A Terra Livre» achando util a sua publicação regular, não deve esperar que se lhe envie o recibo de cobrança. Para não nos sobrecarregar com trabalho e ocasionar despesas inúteis de correio, deve enviar a esta administração, com a maior brevidade, a importancia da sua assinatura, afim de não dificultar a existencia desta publicação.

A BOMBA ESPLOSIVA



Depoimentos de diversos revolucionarios

(28 de 1 de 1908 a 5 de 10 de 1910)

Compilados por

(2) **JO.É MARIA NUNES**

PREÇO 300 RÉIS

Los secretos del anarquismo

Interessante trecho dum romance policial — Como se preparou lá fóra a revolução portuguesa

Cumprimos hoje a promessa feita no nosso numero do dia 12. Sob o pseudónimo Constant Leroy, um tal González Sánchez, agente secreto da policia politica espanhola, publicou num jornal americano sensacionais «revelações» sobre o anarquismo internacional, seus *complots*, seus *comités* e seus «chefes»... Estas revelações, de alta fantasia, constituem um romance policial, genero Conan Doyle, romance no qual alguns factos e nomes verdadeiros são diluidos num mar de estupendas e hilariantes invenções. Carlos Matato traduziu-o e anotou-o para *La Bataille Syndicaliste*, donde tiramos o trecho que damos abaixo, para amostra do que é capaz de dizer e fazer um policia afim de ganhar a porca da sua vidinha.

Este González Sánchez chegou a iludir alguns revolucionarios, conquistando-lhes a estima, sob o nome de Miguel Moreno (de quem ele fala nas suas revelações como sendo outro). Depois fez-se policia e descobriu-se que era um biltre sem escrúpulos—*escroc*, bigamo e falsario, ávido de gozos faceis e de dinheiro.

Mas lá vai o bocadinho prometido. Saboreiem os leitores.

... Quando o «Comité Pró Revolução Espanhola» (de Paris) contava já a adesão e o auxilio de muitos grupos revolucionarios de outros países, estabeleceu-se uma aliança com os revolucionarios portugueses para tentar fazer a revolução simultaneamente na Espanha e em Portugal.

Magalhães Lima, gram-mestre da Maçonaria lusitana, e Xavier de Carvalho consagravam-se, em Paris, a procurar elementos que os ajudassem na obra de conspiração contra a monarquia portuguesa. Além das lojas maçônicas, nas quais se celebravam frequentes sessões secretas para tratar dos preparativos revolucionarios em Portugal e recolher fundos que iam ter ás mãos de Magalhães para que este se encarregasse de os entregar aos comités revolucionarios do seu país, a Liga Nacional dos Livres Pensadores, *Liga Nationale des Libres Penseurs (sic)*, contribuía poderosamente para esse movimento. Sicard de Plauzoles e Victor Charbonnel, secretarios dessas duas associações, davam conferencias publicas e escreviam artigos em *L'Action* (1) para persuadir os seus amigos e aliados da necessidade

de colaborar nessa empresa revolucionaria.

Em março de 1910, chegou a Paris Homem Cristo, revolucionario português, de filiação anarquista, filho dum jornalista republicano do mesmo nome, que nessa época fazia violentas campanhas contra a monarquia. Esse individuo conhecera Ferrer e Soledad em 1907, quando estes estiveram em Lisboa, donde foram violentamente expulsos. Ao chegar a Paris, Homem Cristo foi á casa de Nicaise ver Soledad Vilafranca. Era um rapaz muito impetuoso e de caráter enigmático. Na primeira entrevista com Soledad, falou-lhe duma vasta conspiração que se preparava em Portugal para derribar a monarquia, dos seus projetos pessoais para vingar Ferrer e duma porção de planos sinistros que, felizmente, não eram senão solenes tolices. Soledad pô-lo em relações com Malato, Mir, Moreno, Juvé de Bouloix (2) e outros intimos amigos seus, para eles verem o partido a tirar do jovem e entusiastico prosélito.

Entre os amigos, Homem Cristo não teve muito bom acolhimento. Foi muito mais feliz com Soledad, pois a vida sorriu docemente aos dois pombinhos durante um par de meses nas pinturescas paragens de Marly-le-Roy, até que o intrépido donzel decidiu pôr ponto na aventura e safou-se, abandonando a pomba candida e triste (3).

Os planos fanáticos de Homem Cristo sugeriram aos revolucionarios portugueses e espanhóis a ideia de se aliarem. Com efeito, Magalhães Lima, Xavier de Carvalho, Carlos Malato, Moreno, J. Vidal e Diaz reuniram-se e decidiram combinar os seus esforços para tentar um movimento revolucionario nos dois países. Moreno, delegado pelos do Comité de Paris, foi a Lisboa na segunda quinzena de março para ver alguns republicanos. Era portador dum bilhete de Magalhães para Afonso Costa. Este pô-lo em relação com outros republicanos e constituiram um Comité de aliança secreta em Lisboa, prezidido por Costa. Depois foram a Portalegre, onde formaram outro Comité, prezidido por Emilio Costa, revolucionario de marca, conhecidissimo entre os anarquistas. Em Portalegre, conseguiram organizar diversos grupos de homens armados, entre os quais havia numerosos espanhóis que para lá foram quando obtiveram a certeza de ser protegidos pelos comités locais.

Ao regressar Moreno a Paris, foi Magalhães Lima á Espanha para conhecer os preparativos feitos pelos republicanos. Foi a Barcelona, onde falou com Sol y Ortega e Emiliano Iglesias. Visitou tambem Anselmo Lorenzo, da parte de

Malato, que (4) o pôs em relações com Mas Gomeri, Gran e alguns outros anarquistas do sub-comité Pró Revolução Espanhola. De Barcelona foi a Madrid, acompanhado por Sol y Ortega. Tiveram varias entrevistas com Morayta, Azcarate, Catena e Pablo Iglesias, elementos da Conjunção e do partido da União republicana. Estes brilhantes chefes garantiram a Magalhães que estavam dispostos a realizar todos os sacrificios e que a Conjunção não tinha outro objetivo senão fazer a revolução.

Alguns desses homens foram mais explicitos que os outros. Sol y Ortega, orgulhoso por acompanhar o embaixador luzitano, e para dar satisfação aos revolucionarios da *élite*, e talvez, sobretudo, para mostrar o que vale um chefe vermelho, disse a Magalhães que ele contava pessoalmente com as massas republicanas da Catalunha e que todos lhe obedeceriam com entusiasmo. Pablo Iglesias comprometeu-se a dar ordens para declarar a greve geral em toda a Espanha em vinte e quatro horas.

Magalhães voltou de Madrid possuido do maior entusiasmo pelas promessas lisonjeiras dos chefes republicanos e socialistas. De novo se reuniram logo em Paris os membros do Comité P. R. E. para discutir o modo de arranjar armas e dinheiro para os revolucionarios.

Poucos dias depois de Magalhães Lima ter voltado de Madrid, reuniram-se em casa de Alfredo Naquet, 83, rue de l'Assomption, esses dois e mais Carlos Malato, Estevanez, Moreno e Lourenço Portet. Magalhães espôs o resultado dos seus passos em Espanha e as esperanças lisonjeiras que ele recolhera. Malato deu conta dos fundos reunidos até á data pelo Comité P. R. E., que montavam a uns 50 mil francos, soma que estava lonje de bastar para a compra de armas, fabrico de explosivos e outros numerosos preparativos revolucionarios projetados.

Depois falaram do modo como poderiam recolher fundos para fazer face ás necessidades da revolução. Magalhães Lima disse que os revolucionarios portugueses tinham obtido um emprestimo em Paris, dispondo de meios suficientes para realizar os seus planos.

(Gonzalez Sanchez prosegue no seu romance, referindo que o ministerio francês Briand entrou tambem na conspiração, em troco da promessa de concessões e facilidades na zona espanhola de Marrocos, e fantasiando cada vez mais).

Notas de Malato.

(1) Charbonnel a escrever em *L'Action*!

(2) O sr. Juvé, lonje de ser amigo intimo de Soledad Vilafranca, obsi-

diava-a do modo mais odioso, esforçando-se por comprometer essa jóven tão digna e tão corajosa, cuja atitude e desventuras deveriam impôr respeito. Mas o govêrno espanhol (o sr. Juvé frequentava a enbaixada), tinha interesse em procurar d. sacreditar tudo o que tinha tocado Ferrer, e os criados para todo o serviço de Afonso XIII, a fim de o conseguir, recorreram a todas as astúcias, aos meios mais abjêtos: calúnias, cartas e bilhetes postais obscenos, fotografias divulgadas. Uma vez, ás 2 da madrugada, o indiv duo em questão despediu-se de duas pessoas diante do hotel onde se hospedara madame Vilafranca, e, antes de se afastarem essas pessoas, bateu á porta do hotel. E' claro que foi pôsto na rua, mas estava produzida a impressão desejada: o homem passava por um D. Juan e a calúnia jesuitica encarnicava-se sobre a mulher.

Finalmente, para se livrar do seu perseguidor, madame Vilafranca teve que se queixar á justiça, e fui eu quem a pôs em relações com um advogado amigo meu, o dr. Jorje Lhermitte. Mas como misteriosas influencias cobriram o sr. Juvé, não se deu seguimento á queixa: a lei é a salvaguarda dos francos e é igual para todos!

(3) Madame Soledad Vilafranca não foi em momento algum conpanheira do sr. Homem Cristo, para o que, aliás, teria estado perfeitamente no seu direito. Mas o miseravel Moreno fala de abandono com uma desenvoltura cínica feita de esperiência pessoal. Em Valência, aonde chegou um dia depeñado, achou meio de seduzir uma donzela, burguesa de situação, libertária e generosa de sentimentos, que julgou ter achado o revolucionario ideal. Confiada nas suas palavras, aban'onou familia e tudo para o seguir para Barcelona, onde foi achar a mulher legal dele, igualmente jóven e béla, que se matava a trabalhar para manter na ociosidade o miseravel e sua digna familia. O que não impediu o dito Moreno de contrair novo casamento legal, desposando em Paris a pessoa e o dote de M^{lle} Alice L..., depois de ter feito acreditar aos pais desta que era herdeiro de Ferrer.

(4) Ser-me-ia difícil adivinhar se este «que» se refere a Anselmo Lorenzo ou a mim, pois toda esta história é tam fantástica como um Conto Azul.

O que há de certo é que os chefes republicanos portugueses mostraram muito mais iniciativa do que os seus correligionarios de Espanha os quais, eternamente roídos por ciúmes de grupelhos e, sobretudo, pelo medo de um impeto popular que poderia transformar uma revolução de politica em social, se encerram numa opposição verbal sem perigos para a monarquia. Os republicanos portugueses fizeram uma républica burguesa — mais não se lhes podia pedir — mas ao menos fizeram-na.

Mais factos e comentarios.

Soma e segue...

Os nossos camaradas Joaquim Cardoso, José Godinho e Julio Pinto, representantes da secção de construção civil do Alto do Pina e da Escola de Ensino Livre, instaladas na rua do Barão de Sabrosa, 122, 1.º queixaram-se nos ha dias de que uns 50 a 60 individuos pretenderam assaltar, a horas mortas, a sede daquela instituição, sendo-lhes negadas quaesquer providencias na procima esquadra, á qual se dirigiram justamente sobresaltados.

Soma e segue...

Já o sabemos

Ali o jornal de S. Roque publicava ha dias um estenso artigo, só para afirmar que ainda é muito cedo para o sr. Afonso Costa deixar o poder, onde se encontra resolvido a manter-se enquanto possa.

Não nos dá novidade nenhuma...

Problemas economicos

II

Tudo é de todos

Todos os economistas são concordes em que a riqueza produzida se reparte no seu valor pelo salário, pela renda, pelo juro e pelo imposto; que a produção da riqueza *não depende da vontade e dos atos dum homem só mas duma conveniente associação da terra, do capital e do trabalho feita por diferentes pessoas ou classes de pessoas.*

Essas pessoas ou classes de pessoas são os trabalhadores, os possuidores da terra, os detentores do capital e a entidade Estado; cabendo aos primeiros a parte de produção chamada *salário*; aos segundos a parte denominada *renda*; aos terceiros a que distinguem com o nome de juro e finalmente cabendo ao quarto com o nome de *imposto*, a que o Estado arrecada.

Na produção da riqueza entram a terra, o capital e o trabalho.

E o Estado?

O Estado nada produz; absorve pelo imposto uma grande parte da produção, sendo portanto absolutamente perdida esta parte que o Estado leva.

Dir-se-á que, sem o Estado, nada da sociedade teria consistência; e por conseguinte, que ele exerce uma função util para a qual o imposto é indispensável.

Assim é segundo a doutrina capitalista na organização social em que vivemos.

Mas nós estudamos as cousas na sua íntima natureza e na verdade desta; não queremos saber dos artificios e sofismas que regem as sociedades capitalistas.

A verdade é só uma.

E ela é: que a riqueza é produto do trabalho, da terra e do capital.

O artifício faz com que em geral o possuidor da terra e do capital não seja o que trabalha.

E é por subtilezas abstrativas do artifício, que se separa, em ciência económica oficial, o capital da terra ou dos meios de produção; quando é certo que o *capital*, o *essencial*, engloba não só a *riqueza produzida* como a *terra*, as *ferramentas* e a *faculdade de trabalho*: *regalias essenciais* e portanto *capitais* para a produção do bem estar do homem, para a *vida* da humanidade.

Das quatro partes em que se reparte a produção, é o salário a mais pequena.

Porquê?

Os economistas esfalfam-se em fazer convencer, socorrem-se de todos os argumentos capciosos para demonstrar que a parte do leão deve pertencer

à terra, ao capital e ao Estado.

O certo porém é que se um homem tiver a terra, o capital (segundo o critério burguês) e a ferramenta, isto tudo não lhe é suficiente para se manter.

A terra não sendo cultivada, produzirá apenas plantas e frutos bravios incompatíveis com o estado de civilização do homem atual. Os minérios permanecerão eternamente na entranha terraquea; as águas correrão sempre para o mesmo ponto ainda que este seja o menos próprio para o bem estar do homem; o ar não se beneficiará; os agentes naturais continuarão a produzir á tã o bem ou o mal se a inteligência humana não os pusér convenientemente ao seu serviço.

O capital, seja riqueza produzida, seja numerário, não se deslocará dos seus depositos para orijinar qualquer benefício ao homem.

A ferramenta adormecerá inativa no seu estojo ou no seu ferramental sem a utilidade alguma servir.

E isto por toda a eternidade.

Este homem, por consequência rodeado de todos os bens, morrerá de fome, de sede, de tédio, de inércia, carecendo da mais simples comodidade.

Para que tudo isto se transforme em bem, indispensável é que êle trabalhe. Logo é o trabalho a grande alavanca do progresso da felicidade humana.

Parece, pois, que o quinhão dos produtos correspondente ao trabalho, deveria ser igual aos outros, se não maior...

A que título vem, pois, o proprietário da terra ezijir como renda uma parte da produção?

Que fez êle para isso? E' o proprietário? E' o dono? Donde lhe vem semelhante atributo e correlativo direito?

Quando nasceu trazia consigo ligada á sua natureza, como o cérebro, o estômago ou o coração, a terra de que se diz proprietário? sem a qual a sua natureza não poderia existir como não poderia também sem o coração, o estômago ou o cérebro?

E o capitalista? que fez êle para chamar a si outra parte dos produtos sob o nome de juro? Donde lhe veio esse direito? de ser possuidor do capital?

Como o obteve? Trazia-o nalgum saco ou bolsa quando veio ao mundo?

Obteve-o pelo seu único e exclusivo trabalho? Esse capital não foi alcançado com o esforço do trabalho sobre os produtos da terra? A terra era dêle sómente? e o trabalho que o produziu foi todo dêle?

— Nada disso!

Logo toda a riqueza produzida é devida ao trabalho e é o trabalhador que deve ter a posse de tudo.

Pois que o homem, por condição natural, tem de trabalhar para viver, não ha razão de

justiça e verdade para que uns homens trabalhem para si e para os outros e que estes vivam ociosos á custa daquêles.

Mas o trabalhador de hoje, ao entrar no certâmen da existência, encontra á sua disposição todo um tesouro de riquezas, todo um arsenal de ferramentas, todo um manancial de comodidades, de invenções, de aperfeiçoamentos, de vantajens de todo o género; riquezas acumuladas pelas gerações que morreram; ferramentas trabalhadas, corrigidas, requintadas de perfeição por leijões e leijões de artifices e sábios de todos os tempos; comodidades, inventos e vantajens para as quais contribuíram o génio e o esforço, a dedicação e a ciência dos ardorosos combatentes pró humanidade quer os de passadas eras, quer os contemporâneos dêle.

Como determinar pois a parte que, na produção, compete ao exclusivo esforço do trabalhador, seja que este empunhe a enxada ou que maneje a pena contanto que produza benefícios para a comunidade?

Impossível!

O artífice, o engenheiro, o sábio ou o artista não são hoje o que nós vemos nem produzem as utilidades que nos maravilham, se não porque gerações de outros artistas, de outros sábios de outros enjenheiros ou de outros operários, preparavam pelo seu esforço e pelo seu estudo a inteligência, a cultura mental e os meios de ação dêsses que hoje nos beneficiam enriquecem e maravilham com o seu trabalho.

Mas ha um direito que todos igualmente teem e que todos os homens devem reciprocamente respeitar: o *direito á vida*. E como não é possível calcular a parte que, a cada um pelo seu esforço, compete na produção; e tendo de se respeitar o *direito á vida*, segue-se que tudo quanto existe, tudo quanto se produziu, produz ou virá a produzir-se, *é de todos e não é de ninguém*.

Ninguém tem o direito de dizer: *isto é meu*; mas sómente o direito de fruir os bens comuns na *medida das suas necessidades* e o dever de produzir para a comunidade na *medida das suas forças*.

José Carlos de Sousa.

Pró prêsos

Do nosso assinante Acácio Figueira recebemos as seguintes quantias:

Para Carlos Rates.....	500 réis
» Antonio Enriques .	500 »
» os restantes prêsos.	2\$000 »

Em nome dos destinatários, que já têm em seu poder estas quantias, os nossos agradecimentos.

AVISO

A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 13 ás 16 horas.

Conceito dum lonco

Levou-me a curiosidade a entrar. Demais, farto de vêr tanto doido á solta, talvez ali encontrasse algum com juízo.

Transpôsto o portão da cêrca que circundava o edificio, para recreio dos reclusos não perigosos, fui recebido com curiosidade por uns, indiferença por outros e com interesse por muitos que, com esgares e cabriólas, solicitavam dez réis ou um cigarro.

Seguindo os vizitantes do dia, encaminhei-me para vêr as dependencias do hospital, já mal impressionado pelo que via e ouvia, quando num ômbro senti uma palmáda amigavel.

Voltei-me e dei de cára com um individuo, que me olhava sorridente.

—Você por cá! disse-me.

—E' verdade, disse eu, por responder.

—Então você ainda é carbonário?

—Carbonário?! Ia a protestar que nunca o tinha sido, mas lembrei-me que estava em frente dum louco, com quem se não deve discutir.

—Não. Já não sou.

—Desiludido, ein?! Também eu! Calcule você que perdi bem bom tempo, para afinal...

—Está descontente?

—Pudéra! Se devendo-se-me tantos serviços, tantos sacrificios, só por não estar de acôrdo com certas medidas e têr um plano meu que me roubaram, enclausuráram-me aqui com o stigma de doido!

Olhei então para o homem com curiosidade.

Náda nêle aparentava desequilíbrio, parecia-me um individuo normal. O fáto, porém, era do internato. Estaria em face de alguma violencia infame?

De repente vejo-o empalidecêr, o olhar toma-lhe um brilho estranho e, como num arco, grita-me:

—Você está espantado?! Admira-se?!...

E, tomando-me pelo braço, fez-me acompanhá-lo num passeio pela cêrca com bastante receio da minha parte, já arrependido da curiosidade que ali me levára.

Não lhe fósse dar na venêta para embirrar comigo.

Cruzei o olhar com um guarda vigilante que me fez um sinal benevolente, como que a socegar-me.

De repente, o homem, largando-me o braço, colóca-se frente a mim e pergunta-me:

—Você conhece a história de França?

—Alguma coisa, respondi.

—Conhece a vida de Napoleão?

—Conheço.

Napoleão dizia-se defensor do povo, e fez-se aclamar presidente da republica... Perseguiu a igreja e fez-se sagrar e

corôar como imperador... Calçou tudo e todos, porque a liberdade era dêle e só para êle... Segundo o seu critério, no céu um só deus, na terra um só homem... Ora aqui é que está o buzilis! Aqui para nós, que ninguém nos ouve... era o meu plano e conto com você para me auxiliar!... Já tenho muitos adeptos. A todos que tenho convidado, todos estão prontos a cooperar comigo! Mas, continuando... Por capacidade própria, propuz-me ser outro Napoleão, mas para unificar o mundo e governá-lo, porém com justiça e sem violências. Mas você entende, ou não entende?!

— Entendo.

— Entende e mostra-se espantado! Oíça! O raio do homem roubou-me o plano, e, parodiando-o, macaqueando Pombal, Napoleão e Bismark meteu-me aqui, e não faz senão o que se vê, asneiras!

— Mal feito, respondi, sem saber como livrar-me da macada.

— Mal feito?! exclamou com indignação.

— Uma violência! continuei eu.

— Uma violência?! — grita êle.

— Uma infâmia!! acrescentei ainda sem acertar com a expressão que o satisfizesse e o levasse a deixar-me.

— Uma infâmia?!... bêrrame êle, já fóra de si, irado, de punhos cerrados, olhar esgazeadado, ameaçador. Um crime de léza-pátria! Porque dá com tudo isto em pantanas!!... Doido! Desorientado! Sem outra preocupação que não seja a sua pessoal!... Só êle quer, só êle faz, só êle manda!... E ninguém lhe vai á mão, e anda á solta!... Aqui, aqui é que êle devia estar. Sêr Pombal! Sêr Napoleão! Sêr Bismark!...

E num bêrro ao ouvido que me deixou surdo, grita-me:

— Sabe que mais? Ele, afinal, não vale um esforço dejetil de qualquer daqueles homens!

E, entre estridulas gargalhadas, abalou, deixando-me perplexo, pela reflexão de que os doidos ás vezes acertam.

ANTONIO C. ALTAVILA.

Revista dos jornaes

Transcrição

«Não ha duvida que foi barbaro e de todo o ponto condenavel o sucedido em Lisboa no dia 10 de junho, tornando-se para nós tanto mais odioso quanto resultou contraproducente e inoportuno. Mas tambem não devemos duvidar de que principalmente deve ser tomado como aviso. Entrando no caminho das ameaças e das violências, o governo da republica enveredou mal. Isto por um lado. Por outro, a ocasião não era para festas, nem a situação nacional, cheia de perigos e apreensões, tornada numa permanente interrogação no interior e reduzida a um enigma no exterior, as podia aconselhar, demais quando as cadeias estão cheias de presos de todas as condições sociais, as ruas andam repletas de operarios sem trabalho, miseráveis

e famintos, e no velho castelo de Angra se encontram gemendo o seu ato temerario e louco, mas naturalmente sincero e bem intencionado, velhos democratas que de longa data conhecemos como tendo prestado ao seu partido reaes e decisivos serviços, fazendo a propaganda quando ainda a monarquia tinha ao seu lado homens de positiva valia e alta envergadura intelectual. Não. Isto não vae bem! Já o temos dito varias vezes. O paiz não está contente. Ha nas camadas populares um surdo rumor, que só não percebem ouvidos tapados pela demencia. A obra dos orientadores da Republica traduziu-se numa desilusão. Grita-se ahi por toda a banda: tem sido uma completa falencia! Nas classes chamadas superiores a má vontade e o descontentamento não são menores. Para onde vamos? Onde irá isto dar? São perguntas que andam na boca de toda a gente. Estamos numa ocasião de anseios e inquietações pavorosamente parecida com a dos ultimos tempos da realza. Ha uma quietação aparente mas que não deve iludir ninguém, porque é como que o silencio precursor dos grandes momentos tragicos. Justifica isso o ato criminoso de terça feira passada? Certamente que não. Atoz daqueles difficilmente encontram justificação. Não recorremos ao argumento corriqueiro e sentimental de que no cort jo iam creanças. Precisamente da infancia se tem abusado muito nos ultimos tempos. E é preciso emendar a mão, tirando os anjinhos de pernas cambadas das manifestações das ruas, sempre perigosas. E' que atos resultam em regra improficuos, por opostos aos sentimentos das multidões. Comtudo, fa mos á boa parte. Não fomos nós que nos apoiámos nos mais desvairados elementos, chamando-os a cooperar na mudança do rejimen. Nunca fizemos a apolojia do assassinato, nem organizámos romagens ás campas dos assassinos. Tambem não ensinámos as turbas a fabricar explosivos, nem lhes dissémos que os d viam utilizar. Outros que não nós podem sentir remorsos na consciencia.

Ora de tudo isto, a par das naturais consequencias duma revolução para que se não estava preparado, sobreveiu a crise actual. Querem os republicanos do poder conjurar la com atos de força? Engánam-se lastimosamente. Vão por pessimo atalho. A repressão precisamente tem nos ultimos tempos agravado o mal. A opinião dum paiz não se domina batendo-lhe o pé. Estamos já demasiado longe das épocas em que isso se podia fazer impunemente. Agora os processos e outros. Ezije-se politica de conciliação e de utilidade social. Senão, olhem a Inglaterra, a Italia e a mesma Espanha. Com os ministerios de força, a França caiu no actual periodo que atravessa, perigoso por mais dum titulo. Não nos querem ouvir? Paciencia! Cumprimos um dever e vico sómente. As coisas seguirão de resso o seu caminho fatal. A anarquia de cima perseguindo a imprensa, encerrando associações, atirando ao paiz depauperado as amendoados irónicas de novos e mais puzados sacrificios, a essa desordem intelectual que se traduz apenas em arrepiar caminho no terreno dos principios, seguir-se-á a anarquia das ruas, como sua natural consequencia. Não se brinca em vão com o fôgo. Condenamos o que se passou em Lisboa, como acção desatinada e improficua que mais veio complicar o já complicado problema da nossa existencia nacional. Lamentamos as pobres vítimas desse gesto de desespero e de loucura, tanto mais quanto os atinjidos foram irmãos nossos, operarios como nós, que em nada contribuíram para o que aí se vai passando. O que desejamos é que se apreciem as circunstancias em que o facto se produziu, para que se evitem os êrros, se ainda é tempo para isso, entrando no dominio das realizações práticas e da mais franca democracia. Já dizia Camilo: asneira puxa asneira. Ora asneiras todos as tem praticado.—**Casario.**

(De *O Trabalho*, de Setubal, jornal socialista).

Tempo perdido.

José Bacelar, na secção *Diario Livre*, que tão brilhantemente mantém nas colunas d'*O Sindicalista*, a proposito da noticia, dada por uma folha da noite, de que o inspêtor de policia, sr. dr. João Eloy, vai proceder a uma rigorosa apreensão, nas livrarias e kiosques, de todas as publicações pornograficas e das compreendidas pelas leis de 9 de julho de 1912 e 12 de julho de 1911, publica o seguinte:

«As publicações compreendidas nas leis de 12 de julho de 1911 e de 9 de julho de 1912, são as que tratam de anarquismo e socialismo revolucionário. Ora o sr. Eloy é parvo — tão parvo como quem reprimir pretende entre nós a difusão de principios que, lá fóra, de ha muito adquiriram direitos de cidade. Que aproveita ao governo, que aproveita á Republica — a apreensão de taes publicações? Julga o sr. Eloy, porventura, detêr com o ridiculo e apressado sequestro de algumas dezenas de livros e folhetos revolucionarios a marcha libertadora das novas idéias e, consequentemente, impedir a liquidação mais ou menos remota desta Sociedade, de que é digno ornamento? Como se enganam todos estes insignificantes esbirros da moribunda burguezia! Essa apreensão, sr. Eloy, constituirá ate um excelente réclamo para as obras incluídas no *Index* condenatorio da moderna Inquisição capitalista. Mella, Bakunine, Albert, Nieuwenhuis, Robin, Grifuelhes, Salvochea, Challay, Bullfi, Darrow, Pouget, Cornelissen, Caffero e tantos outros escritores e panfletários do socialismo e da anarquia — o grande sonho doirado de todos os sabios e de todos os poetas — vão têr, asseguro-lh'o, dobrado numero de leitores... e, naturalmente, de prosélitos. São estes, sr. Eloy, os lojicos efeitos de todas as perseguições e de todos os atropêlos aos mais rudimentares principios de liberdade...»

As obras desses incansaveis e generosos obreiros da formosa Cidade do Futuro encontram-se á venda em todo o mundo e traduzidas em todas as linguas cultas, sr. Eloy. Facilimo se torna, pois, a quem assim o desejar, conhecê-las e estudá-las livremente, com absouto despreço por todas as leis havidas e por havêr... Bastar-lhe-á, para isso, requisitá-las em qualquer livraria do paiz.

Concluindo: o sr. Eloy vai perdêr o seu tempo...»

Movimento libertario

NA INGLATERRA

Contra a guerra. — O primeiro conaresso anual da Federação dos Operarios dos Transportes, realizado ha dias em Newport, votou a moção apresentada por Ben Tillet, delegado dos trabalhadores das docas, condenando a guerra e todas as escitações á mesma e preconizando, em caso de mobilização, a greve jeral de todos os operarios ocupados no transporte das tropas e do material de guerra.

Segundo Ben Tillet, chegou o tempo em que os operarios devem emfim tomar, eles mesmos, á sua conta a sorte e os interesses vitais da nação. Os operarios comprehend ram finalmente o que se esconde na realidade por trás do «patriotismo» que lhes é ensinado. A escitação á guerra faz-se sob a direção duma imprensa corrompida por capitalistas interessados em vender o seu material de guerra. Todas as uniões «patrióticas» são protegidas pelos fabricantes de canhões e de carabinas.

O'Connor Kessac, sustentando a sua opinião, insistiu na necessidade dum acórdo a este respeito entre todos os operarios dos transportes, os ferro-viários e os mineiros. «Quando essas três categorias de trabalhadores se juntarem na acção, disse êle, não poderá uma guerra durar senão poucos dias.»

NA FRANÇA

A campanha anti-militarista. — Quem foi que disse para aí que o governo francês ia dissolvêr a C. G. T., a «Casa Sindical» de lá?... Isso vai êle, que é brioso!

Não é que lhe falte para isso vontade; mas não precisa de grande perspicácia para percebêr que só poderia dar força e popularidade ao sindicalismo e que a C. G. T. continuaria viva como antes. O seu intento é mais modesto: é apenas regulamentar nos termos do projeto de que ja falámos, e que os próprios reformistas e politicantes reputam inpotente. A C. G. T. fará de conta que o regulamento é letra morta, e o resultado deste será tornar odiosas aos próprios reformistas as idéias que êle quer impôr.

Entretanto, a campanha antimilitarista, sustentada pela C. G. T., pelo Partido Socialista parlamentar e por todos os revolucionarios sociais é cada vez mais intensa e vasta. Os comícios e manifestações sucedem-se por toda a França. Os oradores não tem descanço e os jornais empregam uma linguagem vivíssima e própria da circunstancia. Felizmente para êles não há lá um Afonso Costa.

Nem a França é Portugal.

RUSSIA

Movimento operario. — São actualmente numerosas as grèves na Russia. O paiz está numa fase de desenvolvimento e expansão industriais e, em consequencia desta situação, as massas operarias apresentam em várias partes as suas reivindicações económicas, que se referem nomeadamente ao aumento de salarios.

Em Moscou ia abrir-se por estes dias a primeira Bolsa de Trabalho, collocada sob a direção das Uniões Operarias. Graças ao donativo duma mulher rica, a casa sindical será das associações, tendo custado 50 mil rublos (uns 35 contos). A Bolsa fa á uma estatística regular dos salarios operarios (trata-se sobretudo dos operarios da construção civil) e fornecerá sistematicamente outras informações.

SUIÇA

Movimento anarquista. — Realizou-se em Zurich, em 31 de maio e 1 de junho, um congresso dos anarquistas suíços de lingua italiana. Havia uns sessenta congressistas, representando os grupos de 26 cidades. Foi pois um êxito completo, tanto mais que todos esses trabalhadores ali acorreram, não em obediencia a um simples apêlo, por sentirem tal necessidade.

Efetuarão-se quatro sessões, tendo sido ezaminadas todas as questões que interessam o movimento revolucionario. Especialmente debatida foi a questão da luta contra a guerra e contra os preconceitos patrióticos, pretexto para os conflitos entre nações.

Decidiu-se ajudar a Escola Ferrer, de Lausanne.

Os congressistas separaram-se muito bem impressionados com os resultados da excelente reunião.

Venda de livros

A administração do jornal *Terra Livre* satisfaz com prontidão todas as encomendas de livros quer nacionais quer estrangeiros que venham acompanhados da importancia correspondente, bem como se encarrega de tomar assinaturas para todas as publicações periodicas da Europa e da America.

Notre service de librairie—Se charge de fournir a tous nos abonnés et aux organisations tous ouvrages de librairie aux conditions habituelles de remise.

Cronica internacional

NOS ESTADOS UNIDOS

durante a greve têxtil de Lawrence, foi encontrada dinamite em casa de alguns grevistas, que declararam logo tratar-se de dinamite patronal, ali posta pelo *trust* dos tecidos de lã com o fim de tirar aos grevistas a simpatia do público.

Fez-se um inquérito e acabou por ser preso e condenado um tal Breen, dono duma agência de funerais. Este homem confessou e denunciou varios capitalistas, entre os quais William Wood (Gilherme de Carvalho, português americanizado), presidente do *trust* citado. Foi preciso processar os capitalistas culpados, suicidando-se um deles.

O julgamento começou ha pouco em Boston; ainda não sabemos se já teve desfecho, e qual foi. Ha várias testemunhas de acusação, e como documentos os talões dos cheques e os livros do *trust*, indicando os pagamentos feitos aos colocadores da dinamite sob a rubrica de «despesas necessitadas pela greve».

Desta vez não foi possível atribuir a coisa aos sindicalistas ou aos anarquistas, embora tivesse havido prisões por esse motivo. Admira que os capitalistas não tenham mandado lançar bombas entre os operários, para acusar os grevistas e seus militantes!

NA SUIÇA

tambem os factos mostraram há pouco, na questão das rendas de casa, que são afinal os pobres quem vem a pagar todos os impostos. Assim, lê-se no *Journal Suisse des Entrepreneurs*:

«As autoridades de Zurich decidiram, há poucos meses, aumentar a contribuição predial. As consequências desta medida não tardaram a fazer-se sentir. No ano novo quasi todos os proprietários avizaram os seus inquilinos de que elevariam o preço das rendas a partir do proximo termo, que caía no 1.º de abril. Em muitos casos, os senhores aproveitam este movimento, não só para fazer suportar aos inquilinos os novos impostos, mas ainda para aumentar o rendimento dos seus prédios.»

—Continua a imperar o critério do estalajadeiro que não quer desgostar nem escandalizar os hóspedes ricos e fidalgos. Para não ter que se sujeitar á formalidade humilhante de pedir uma licença de residência, Pedro Kropotkine viu-se enfim na necessidade de abandonar o país e de voltar para Inglaterra.

Kropotkine não ficou moralmente diminuído — antes pelo contrario — com o vergonhoso vexame, que causou indignação á gente mais insuspeita de todos os países e a todos os que, na Suíça, conservam um certo espirito de altiva independência.

NA NORUEGA

organizou-se recentemente o movimento sindicalista revolucionário, conhecido sob a denominação de «oposição sindical».

Não reveste a forma de organização separada, mas é uma liga sindicalista tendente a transformar e a impregnar de sindicalismo os velhos sindicatos.

A oposição revolucionária conta já 5.000 membros e, apesar da hostilidade dos velhos dirigentes, faz continuos progressos.

NA INGLATERRA

continuam a agitar-se as sufragistas. A respeito da sua última proeza, diz Jean Grave, com muito acerto:

«Há muito que certas sufragistas inglesas procuraram ocasiões de se sacrificar, convencidas de que, quando puderem apresentar mártires, a sua causa triunfará.

A semana passada, no Derby de

Epsom, uma delas, miss Davison, em plena corrida, atirou-se para a frente do cavalo que levava as côres do rei; foi derrubada pelo cavalo a galope, o qual, por sua vez, rolou por terra com o seu jockey.

Miss Davison morreu do choque recebido.

Depois de têr começado com rasgos de audácia que, fazendo rir, disputavam em seu favor, as sufragistas perderam a cabeça e acabaram por ezeccutar atos um tanto suscetíveis de lhes alienar as simpatias da multidão.

Quando se quer fazer propaganda por uma ideia, não basta a realizar atos de violência — por mais corajosos que sejam. E' também necessario que só atinjam inimigos.

O ato de miss Davison — se é, como parece sêr, um ato de sacrificio — será muito mais bem compreendido do que a quebra de vidraças ou a destruição dos marcos postais.

Pêna é que tantos sacrificios sejam consumados por tão grosseira mentira como é o voto eleitoral.»

EM ITALIA

em consequencia da condenação de alguns grévistas metalurgicos, os sindicalistas de Milão organizaram, há dias, a greve geral. Os operários que aderiram ao movimento eram em grande número, sendo por isso fechadas a maior parte das padarias e suspenso o serviço dos *tramways*. A' saída dum *meeting*, organizado pelos grévistas, houve colisões entre estes e a policia, carregando a cavalaria sobre os manifestantes. Ficaram feridos alguns carabineiros e efetuou-se grande número de prisões.

EM FRANÇA

o conselho de guerra, reunido em Montpellier, julgando 13 soldados que tomaram parte na manifestação antimilitarista de Rodez, condenou 2 a 5 anos de trabalhos públicos e os restantes a penas que variaram de 5 anos a 4 meses de prisão.

NA HESPANHA

depois de um comício contra a guerra de Marrocos, realizado numa das ultimas noites em Barcelona, os assistentes espalharam-se pela cidade, protestando contra a nova carnificina. Tanto bastou para que a guarda civil carregasse brutalmente sobre os manifestantes, dispersando-os. Ficaram feridos dois radicais e um guarda civil. Varios outros feridos desapareceram com receio de serem presos. Um jornalista que fazia trabalhos de reportagem foi ferido ligeiramente no ventre.

Durante os tumultos, realizaram-se muitissimas prisões. Nos postos de socorros e farmacias foram curados cerca de 30 feridos, alguns de gravidade. A maioria dos ferimentos provém de sabradas e bengaladas. Ha também alguns produzidos por armas de fogo.

Durante toda a noite as ruas foram patrulhadas pela guarda civil.

De manhã, a policia cercou a Casa do Povo, havendo troca de tiros entre os manifestantes e os agentes de policia. A cidade foi, em parte, ocupada militarmente.

La Science Moderne et l'Anarchie de Kropotkine.

Acabamos de ler este livro, ultimamente traduzido do inglez, para lingua franceza. Com que profunda simpatia se fica encarando a Anarquia, quando assimilamos a ideia genial que orienta esta obra, e com que entranhado amor nos tornamos seus defensores e propagandistas mais conscientes! Se

ela é um hino á verdade, a todo o custo procurada e rebuscada com tanto trabalho e com tanta intelijencia; se ela é mais, mesmo muito mais do que um *livro bem feito*, como sõe dizer se em critica ligeira, se ela é um livro cheio de verdades humanas que é preciso difundir! O aspeto tão científico em que o autor nos coloca a Anarquia é a tendencia ultima da nossa ideia resultante da sua evolução lojica e racional no mundo do conhecimento humano. As suas paji-nas merecem bastante atenção da parte, de todos os homens, sobretudo de muitos pretensos anarquistas, e é por isso que incitamos entuziasticamente á sua leitura, convictos que contribuimos deste modo para a divulgação e estudo das nossas ideias.

Damos em estrato o prologo deste livro majistral para que o leitor avalie.

«Quando analizamos uma teoria social qualquer, distinguimos que não só ela representa um programa de partido e um ideal de reconstrução de sociedade, mas que geralmente se liga tambembem a um sistema qualquer de filosofia, de concção geral da Natureza e das sociedades humanas. Foi esta ideia que eu tentei fazer resaltar em duas conferencias sobre a Anarquia, em que mostrava as relações que existem entre as nossas ideias e a tendencia tão acentuada, neste momento, nas ciencias naturais para explicar os grandes fenomenos da natureza pela ação dos infinitamente pequenos quando outrora só se via a ação das grandes massas, e nas ciencias sociais para reconhecer os direitos do individuo, quando até agora só se reconheciam os interesses do estado.

Neste livro, procuro mostrar que a nossa concção da Anarquia, representa uma consequencia necessaria do grande despertar geral das ciencias naturais, produzido durante o seculo XIX. Foi o estudo deste grande despertar, assim como notaveis conquistas feitas pela ciencia nos ultimos dez ou doze anos do seculo corrente que me inspirou este trabalho.

Sabe-se que os ultimos anos do seculo passado foram caracterizados por notaveis progressos nas ciencias naturais aos quais devemos a descoberta da telegrafia sem fios, duma serie de radiações até então desconhecidas, dum grupo de gases inertes que se recusam a entrar nas combinações quimicas, novas formas elementares da materia viva, etc.

Levado assim a estudar seriamente as notaveis descobertas destes anos, chegava a um duplo resultado.

Via dum lado, sempre graças ao método indutivo, novas descobertas duma grande im-

portancia para a interpretação da natureza, que vieram juntar-se ás que tinham notabilizado os anos de 1856-1862, e doutro, como o estudo mais profundo das grandes descobertas feitas por Mayer, Grove, Wurtz, Darwin e outros no meio do seculo, apresentando novas questões dum imenso alcance filosofico, lançava uma luz nova sobre as descobertas precedentes e abria novos horizontes á ciencia.

E onde certos sabios, muito impacientes, ou muito imbuídos talvez da sua primitiva educação, queriam ver «uma falencia da ciencia» eu via apenas um facto normal muito familiar aos matematicos, a *passagem duma primeira aproximação para as seguintes*.

As pretendidas «falencias da ciencia» exploradas neste momento por filosofos da moda, não são mais do que a procura de segundas ou terceiras aproximações, ás quaes se entrega sempre a ciencia após uma epoca de grandes descobertas.

Por outro lado estudando os progressos recentes das ciencias naturaes e reconhecendo em cada nova descoberta uma nova aplicação do método indutivo, eu via simultaneamente como as ideias anarquistas formuladas por Godwin e Proudhon, e desenvolvidos pelos seus continuadores, representavam tambem a *aplicação deste mesmo método, ás ciencias que estudam a vida das sociedades humanas*. Procuro pois mostrar na primeira parte deste livro, até que ponto o desenvolvimento da ideia anarquista marchou a par dos progressos das ciencias naturaes.

Indicarei, como e porquê, a filosofia da Anarquia, encontra logar notavel nas tentativas recentes para elaborar a filosofia sintetica, isto é, a compreensão do Universo no seu conjunto.

Na segunda parte deste livro, que é um complemento necessario da primeira, trato do Estado. Reproduzo primeiro um ensaio sobre o papel historico do Estado, já publicado ha anos, e faço o seguir dum estudo sobre o Estado moderno, no seu papel creador de monopolios, em favor duma minoria de previlijados. Estudo tambem, o papel das guerras na acumulação das riquezas nas mãos duma minoria privilegiada, e o empobrecimento paralelo fatal, das massas.»

Com vista aos emigrantes

Folhas burguezas como *O Imparcial*, do Rio de Janeiro, e *A Platã*, de S. Paulo, confessam que «os emigrantes são atirados a bordo dos vapores, como animais, na promiscuidade da prôa, mal alojados e pior alimentados, para um caminho do desconhecido...»

Ponham aqui os olhos os nossos emigrantes. Aconfissão é insuspeitada...

OPINIÕES E ALVITRES

TRIBUNA LIVRE

Os artigos publicados nesta secção são da exclusiva responsabilidade dos seus autores. Quando os não desejem assinar nenhuma duvida teremos em publica-los desde que particularmente conheçamos a sua autoria sobre a qual guardaremos rigoroso sigillo.

Os originaes radicalissimos no vocabulario e vulgarissimos no fundo não publicamos, bem como não daremos cabida a questões particulares ou pessoais.

Queremos que esta secção seja um eco das aspirações do nosso tempo, um reflexo dos diferentes modos de vêr dos camaradas e uma tribuna de livre discussão para uma investigação sincera da verdade.

Carta a alguém

Meu caro:

A' hora a que te escrevo mal soaram ainda a este rincão alemtejano uns tenues, quasi imperceptiveis ecos do áto abominavel cometido em Lisboa, durante a passagem do cortejo em honra e memoria do autor dos *Lusiadas*, por um desconhecido, que levou o panico a alguns centenaes de pessoas.

Portanto faltam-me os elementos necessarios á formação do meu juiso (vá lá uma temeridade...) sobre esse acontecimento que, todavia, espiritos pequeninos, a quem se não podem tomar contas, pretendem fazer imputar a responsabilidade deste facto, aliás imprevisito, aos operarios syndicalistas, como se tudo que, no lance, se prodús de anormal na sociedade portugúesa fosse obra ou, pelo menos, a conselho d'elles!

Isto tudo, porém, não obsta a que, no meu espirito, se alberguem duas ideias ambas viáveis e a que as derradeiras medidas politicas dêram ázo.

Seria um operario? seria um reaccionario? E estas duas interrogações antepõem-se a qualquer outra ideia que possa distrair-me nas minhas cojitações de solitario nesta pacata terra alemtejana...

Em verdade, a ultima medida do ministro do fomento reduzindo os dias de trabalho aos proletarios dependentes do seu ministerio, veiu agravar a sua tristissima situação, depois do aumento de preços aos generos mais necessarios á sua alimentação e de conhecidas as proesas dos senhorios sofismando a lei do inquilinato, e ezaltar mais o seu rancor pela classe capitalista. E eu antevejo o pobre operario, depois de mendigar trabalho sem o conseguir, quando, á noitinha, se acolhe ao pardieiro, desalentado, e cercado pelos filhitos quasi nus, que lhe pedem pão; e ele, que vem triste porque não encontrou quem lhe alugasse os braços, sai desvairado, soltando imprecações de raiva contra uma sociedade tão madrasta que se diverte e esbanja dinheiro á doida enquan-

to ele e os seus morrem de fome!

E, que de excessos não pode cometer um homem enlouquecido assim pela dôr?

O jesuita, esse sim, que talvez podesse praticar um crime não acozado pela fome, mas pelo despeito de vêr esmagados pela Republica o seu poderio, a sua ostentação.

Em todo o caso, fosse qual fosse o mobil do atentado, condeno-o em estremo, com a sinceridade com que me habituei a revestir todas as minhas afirmações, porque ele foi sacrificar algumas dezenas de pessoas que culpa alguma teem do que se está passando no palco da governação publica. E, o que mais me revolta é que elementos desordeiros aproveitassem o panico estabelecido entre o povo para assaltarem jornais e destruirem os moveis das associações proletarianas, instaladas da Casa Sindical.

Se, porventura, o criminoso se encontrava filiado em qualquer das associações, que responsabilidade tem a colêktividade num áto desvairado que um seu membro venha a cometer? Era o mesmo que pedir responsabilidades a toda a população portugúesa por um abuso de poder que amanhã, o sr. Afonso Costa, possa cometer.

Mais uma vez quero acentuar que repudío o lançamento da bomba que foi ferir justamente operarios que talvez não sejam solidarios com os desatinos da burguezia e do Estado; mas que á sombra desse áto dum tresloucado se cometam ilegalidades, por banda dos democratas, isso é forte de mais e dá marjem a que se cave mais fundo a barreira entre o povo laborioso e as classes dirijentes.

Um jornalista ejitaniense, o sr. J. A. Castro, velho republicano e que desassombadamente escreve como poucos seus correligionarios, disse que "quem subjuga, provoca a revolta" e, com effeito, assim é.

Lembrem-se todos que o proletariado portugúes defenderá sempre a Republica das investidas dos reaccionarios e dos estranhos, mas jámais se solidarizará com os homens que em

seu nome amordacem a Liberdade que alguns tiveram a veicidade de esperar do 5 de outubro.

Teu dedicado amigo.

Junho, 12-913.

Rui Forsado.

Militarismo

Sou mulher, mas não posso calar em mim o que sinto sobre o militarismo.

Que tristeza, uma mãe criar um filho, mortificar-se para lhe dar uma educação esmerada, gastar até aos ultimos cinco réis para lhe dar uma instruçãozinha, e quantas empenhando até a camisa dó corpo para o fazer! E quando uma mãe se julga feliz por ter ao pé de si esse ente que tanto lhe custou a criar lá lhe aparece uma viso para se apresentar no quartel.

Vai. Nos primeiros oito dias ainda se lembra da mãe; volta a casa mas já com uma educação diferente, já só fala em exercicios, em armas, e em matar. Ainda lhe dizemos: mas não tens dó de matares o teu semelhante? não vez quanto me está cara a tua educação? pois

julgas os outros por ti? Cada ente que vês, é um ser que quer viver, e tu nem ninguem tem direito de lhe dáres a morte.

Mas temos que defender a patria, diz ele. Sim filho; tens razão, mas uma patria sem fronteiras. Unamos a nós os nossos irmãos dalem fronteiras, e ponhamos á nossa frente uma unica bandeira, e depois de isto consumado, filho, me dirás se são precisos exercicios, se são precisas armas, se é preciso matar, se são precisas essas casas que se chamam quartéis, onde vocês esquecem por completo a educação paternal.

Pensa filho e medita bem e me dirás depois o que pensas. Sou mulher, mas entendo que ezistir uma classe que tem como principal base do ensino a arte de matar, está em contradição com as reivindicações sociais, todas tendentes a estabelecer entre povos a mais fraterna solidariedade, e portanto a resolver pela persuasão os litijios que entre individuos, como entre coletividades, possam surgir.

Emilia Garrido.

TERRA LIVRE

Semanário anarquista

(Publica-se ás quintas feiras)

Orgam de luta social e económica.— Tribuna amplamente aberta ás reivindicações dos trabalhadores.— Analise e comentarios dos factos capitais da vida social e politica portugueza.— Desenvolvimento noticioso do movimento operario internacional.— Desenhos e caricaturas demolidoras.— Concursos scientificos e inqueritos para o conhecimento do problema economico e social da rejão portugueza.— Correspondencia da provincia e do exterior.— Secções de ciencia, filo-otia, arte, educação, literatura e critica.

Corpo redatorial:

Carlos Rates— Neno Vasco— Pinto Quartim— Sobral de Campos.

Colaboradores

Adolfo Lima — Afonso Manaças — Araujo Pereira — Aurelio Quintanilha — Bel-Adan — Campos Lima — Clemente Vieira dos Santos — Emilio Costa — Gaspar dos Santos — Humberto de Avelar — Ismael Pimentel — José Bacelar — José Benedit — José Carlos de Sousa — Manuel Ribeiro — Edmundo d'Oliveira e outros.

Condições d'assinatura

(Pagamento rigorosamente adiantado)

Para Portugal, Espanha, ilhas e colonias portuguezas

(Incluindo o importe do correio)

1 mês (só para o continente) 100
3 meses 300
6 meses 500
1 ano 1\$000

Numero avulso 20
Pacote de 50 exemplares (fora o porte do correio) .. 500

Para o Brazil (moeda fraca)

(Incluindo o importe do correio)

6 meses 2\$400
1 ano 4\$800
Numero avulso 100
Pacote de 50 exemplares 2\$500

Extérieur

Trois mois 2,50 fr.
Six mois 5 »
Um an 10 »
Prix du número 0,25 »

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importancia em ordem postal ou estampilhas continentais. Quando a cobrança tiver que ser feita pelo correio acresce a despesa correspondente.

Pedimos a todos os nossos leitores e amigos que façam a maior propaganda ao nosso jornal.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DAS GAVEAS, 55, 1.º

LISBOA

Ajentes aceitam-se onde ainda os não haja
"Terra Livre" encontra-se á venda nos principais quiosques e tabacarias